



BOLETIM Nº 01/2021 **ASSASSINATOS CONTRA TRAVESTIS E TRANSEXUAIS EM 2021**

Dados parciais de 2021 indicam que assassinatos contra pessoas trans estão acontecendo mais precocemente, contra vítimas cada vez mais jovens e com maior violência, e seguem com números altos apesar da pandemia como já vínhamos denunciando desde o ano passado.

Em 2020, a ANTRA encontrou um número recorde de assassinatos contra travestis e mulheres trans. Um total de 175 casos foram mapeados contra 44 nos Estados Unidos. Já em 2021, nos quatro primeiros meses, enquanto nos EUA foram 19 pessoas trans assassinadas¹, no Brasil chegamos a triste marca de 56 assassinatos – sendo 54 mulheres trans/Travestis e 2 homens trans/Transmasculinos. São inúmeros os casos que apresentaram requintes de crueldade e uso excessivo de força, e espancamentos - indicativos de se tratarem de crimes de ódio. Tendo sido encontrados ainda 5 casos de suicídio, 17 tentativas de assassinatos e 18 violações de direitos humanos contra pessoas trans, no mesmo período.

Mesmo com um número aparentemente inferior quando comparado ao mesmo período de 2020, não há o que comemorar. Qualquer pesquisa simples em um mecanismo de busca na internet, denuncia o quanto a violência direcionada a pessoas trans segue presente no cotidiano dessas pessoas. Principalmente quando, até o momento não foi tomado qualquer tipo de ação ou implementada qualquer política pública por parte dos estados e do governo federal para enfrentar a epidemia do assassinato de pessoas trans no país, que seguiu como o que mais assassina pessoas trans do mundo em 2020.

¹ Dados levantados pela Human Rights Campaign - <https://www.hrc.org/resources/fatal-violence-against-the-transgender-and-gender-non-conforming-community-in-2021>

Nesses primeiros meses, seguimos presenciando a ausência de dados governamentais sobre a violência direcionada a pessoas trans por parte da gestão pública, órgãos de saúde, na segurança pública ou o tendo o devido tratamento pelo judiciário. Entendemos que muitas vezes esse tipo de informação se torna um incômodo para um gestor que não tem compromisso com a população, que ao invés vez de encarar o dado como *um desafio a ser enfrentado*, encara como um problema a ser escondido e ignorado, seja na prevenção ou mesmo na falta de ações a fim de garantir a segurança da população trans.

O acirramento das vulnerabilidades pelo impacto da pandemia nos fatores sociais segue em curso e as pessoas trans que se encontram marginalizadas continuam invisíveis para as políticas públicas, onde o estado tem falhado miseravelmente na proteção e na garantia da vida dessas pessoas. No mesmo momento em que pessoas trans estão sendo assassinadas, algumas a luz do dia, o país vem enfrentando um processo acelerado de *fascitização*, degradação da democracia e dos direitos sociais, assim como a pobreza e a fome voltaram assolar os brasileiros.

A dinâmica do assassinato contra pessoas trans não segue o mesmo padrão dos homicídios em geral pelo caráter que agrega o cruzamento entre o racismo, a violência de gênero e a transfobia estrutural direcionada as vítimas, assim como a forma e intensidade com que os assassinatos são cometidos. Vimos aumentar a número de ações policiais em áreas de conflito com o tráfico e ações restritivas frente ao avanço da pandemia do coronavírus tem mantido um contingente maior nas ruas, o que também pode ter contribuído para diminuição no número dos assassinatos que apresentam queda no cenário geral do país, apesar do aumento das mortes violentas.

Cada vez mais jovens sendo vitimadas

Desde o início dessa pesquisa em 2017, o Ceará tem sido um dos estados mais violentos do país, com altos índices de assassinatos de pessoas trans, e este ano se tornou o estado com a mais jovem trans assassinada vítima de transfeminicídio no Brasil.

A expectativa média de vida de uma mulher trans ou travesti no Brasil é de 35 anos. E ao que tudo indica, essa média, que é 40 anos mais curta que a do restante dos brasileiros, pode diminuir ainda mais. Em 3 de janeiro, quebramos

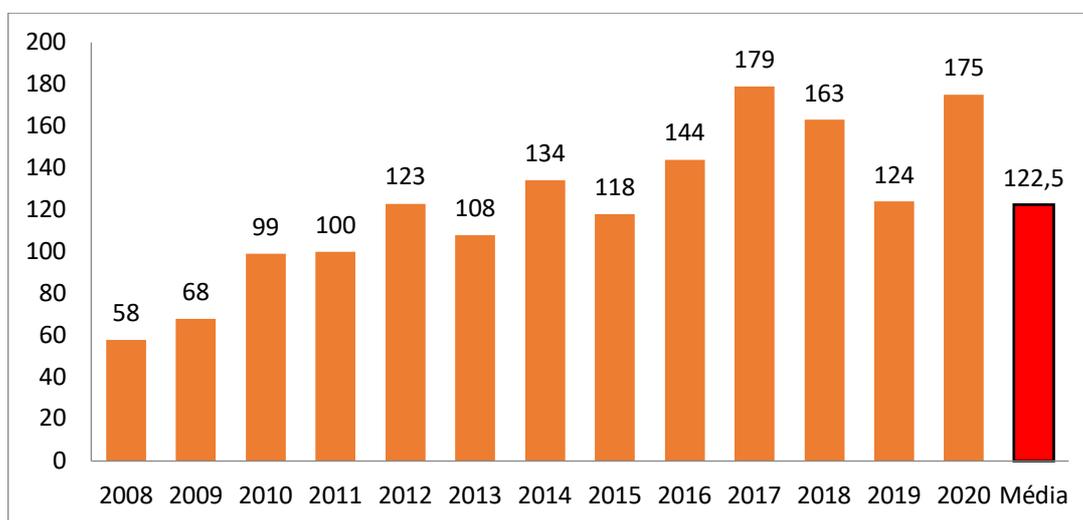
um dos recordes mais tristes no assassinato dessa população: aos 13 anos, a cearense Keron Ravach se tornou a vítima mais jovem do transfeminicídio no País. (Os 13 são os novos 35? – João Ker para a Revista Híbrida)²

Entre o total de assassinatos registrados contra travestis e mulheres trans no ano passado, a idade média das vítimas era 29 anos – a maioria delas, 56%, estava entre os 15 e os 29. Dos dados encontrados no primeiro quadrimestre de 2021, apenas 10 vítimas tinham acima de 35 anos, as demais - onde foi possível identificar a idade - tinham entre 13 e 35 anos.

Mais um ano violento para a comunidade trans

É importante ressaltar que, de acordo com o quadro abaixo, a média anual dos anos considerados nesta pesquisa (2008 a 2020) é de 122,5 assassinatos/ano³. O que dá em torno de 10,2 assassinatos por mês. **Observamos que dentre os 56 casos notificados em 2021, que representa uma média de 14 assassinatos/mês, esse número corresponde a 37% acima da média anual**, denunciando a tendência de 2021 como mais um ano violento para a comunidade trans.

Gráfico: Dados dos Assassinatos de pessoas trans no Brasil entre 2008 e 2020⁴



Autora: BENEVIDES, Bruna, 2021.

² Os 13 são os novos 35? – Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/2021/01/21/os-13-sao-os-novos-35/>

³ Dossiê 2020 – Disponível em: <https://antrabrazil.org/assassinatos/>

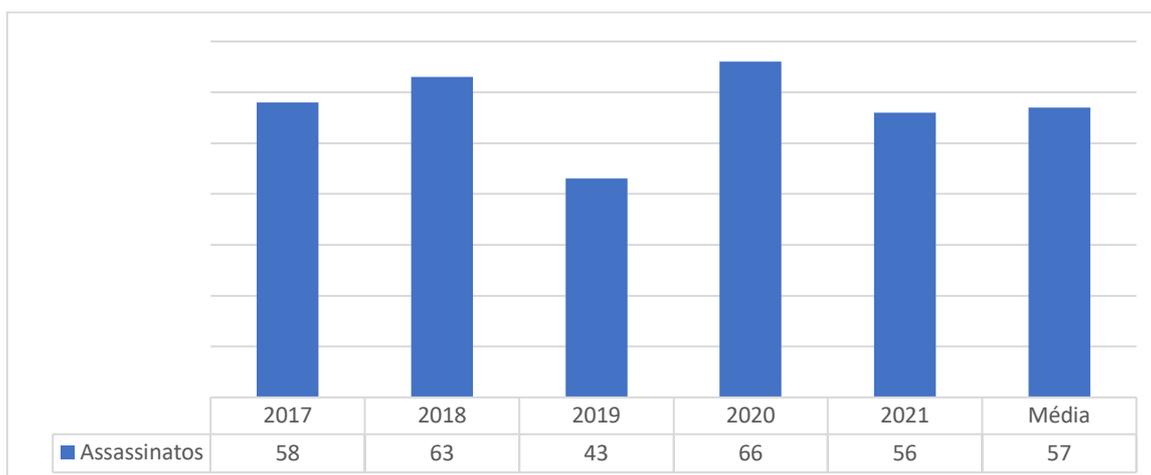
⁴ Dados entre 2008 e 2016 foram publicados pelo Grupo Gay da Bahia (GGB).

1º Quadrimestre

Apesar de JAN e FEV normalmente serem os meses mais violentos, seguidos de MAI, JUN, AGO e DEZ, e que apresentaram os maiores números em 2020, em 2021 acreditamos que devido a pandemia temos experimentado um fenômeno incomum quando da não realização de festas públicas/abertas de final/início do ano, assim como férias e o próprio carnaval – que acabam proporcionando uma maior circulação de pessoas.

E em referência aos meses de janeiro a abril, em 2017 tivemos 58 assassinatos, 63 em 2018 e 43 ocorrências em 2019. Percebemos assim o aumento de 49% de aumento nos assassinatos em relação ao mesmo período de 2019, e acima dos anos anteriores - 2017 e 2018, com 66 casos em 2020 e 56 em 2021, conforme tabela abaixo.

Gráfico 2: Dados dos Assassinatos de pessoas trans no Brasil por quadrimestre



Autora: BENEVIDES, Bruna, 2021.

Observem que a média dos quadrimestres dos últimos anos é de 57 casos entre JAN e ABR, e que em 2021 tivemos 56 casos, o que chama atenção pela proximidade com a média móvel e exige atenção durante o decorrer do ano.

Preocupações e caminhos a serem observados

O Brasil vem passando por um processo de constantes disputas em relação à forma com que trata travestis, mulheres transexuais, homens trans, pessoas transmasculinas e demais pessoas trans, o que reforça a importância do nosso trabalho,

que desde seu início, tem se firmado como uma importante ferramenta na construção de dados, denúncias e a proposição de elementos que irão impactar a forma de combate a violência transfóbica em nossa sociedade. As coisas estão mudando aos poucos, mas ainda temos grandes desafios.

Cabe ressaltar que os dados produzidos pela ANTRA não representam a totalidade dos assassinatos contra travestis e demais pessoas trans, visto que existem diversas limitações em nossa atuação, dentre elas a falta de dados governamentais. Os dados aqui apresentados representam uma parcela desses números, que nos ajudam a entender como tem funcionado a violência transfóbica no país, assim como mensurar de que forma a política nacional tem impactado diretamente a forma com que a sociedade como um todo se relaciona com a população trans.

Não acreditamos que haja qualquer indicativo que nos leve a crer em uma diminuição na violência transfóbica ou explique em definitivo as constantes variações nos números de assassinatos que temos mapeado até aqui. Especialmente em um momento de organização e avanço de uma agenda antitrans, com a apresentação de diversos projetos de lei que visam estigmatizar e criminalizar as existências trans, os retrocessos em políticas trans inclusivas, o fortalecimento de discursos anticientíficos e a disseminação de narrativas que incitam o ódio através do medo sobre a população trans, tem sido os principais motores da violência presente na rede social e consequentemente no incentivo ao assassinato de pessoas trans, direcionando alvos e perpetuando o lugar subalterno em que a população trans foi historicamente colocada.

Estamos preocupadas demais e a mensagem que queremos deixar bem explícita — especialmente para a nossa comunidade LGBTI+, é que provavelmente nunca houve um momento tão vulnerável e violento para pessoas trans como o que estamos vendo agora.

Rio de Janeiro, RJ; 03 de maio de 2021.

BRUNA BENEVIDES
Secretária de Articulação
Política da ANTRA

SAYONARA NOGUEIRA
Presidenta do IBTE
Observatório Trans